

LIÇÕES DA PSICOSE

I - Estamira e o secretário do alienado

Desempenhamos um papel de registro, ao assumir a função, fundamental em todo intercâmbio simbólico, de recolher o que do *kamo*, o homem em sua autenticidade, chama a palavra que dura. Testemunho invocado da sinceridade do sujeito, depositário das atas de seu discurso, referência de sua exatidão, fiador de sua retidão, guardião de seu testamento, escrivão de seus codicilos, o analista tem algo de escriba (J. Lacan, E-314).

Pequeno índice

[Estamiras](#)

[O Outro](#)

[Infinito](#)

[Vertigem](#)

[Freud não explica](#)

[O Poder real](#)

[Missão](#)

[Transbordo](#)

[O falo](#)

[Leitura](#)

[Lixão](#)

[Poema](#)

[Secretários](#)

Antes de começar a leitura, dê um pulo no You Tube neste link:

<http://www.youtube.com/watch?v=SY4ckGM6iHg>

Se você ainda não viu nem ouviu Estamira ao menos alguns minutos prosseguirá como o turista japonês que da Mona Lisa só recorda o flash da câmera.



Estamiras

Estamira é uma fortaleza de senhora: Estamira Gomes de Souza; três filhos; há mais de vinte anos vivendo do que recolhe no lixão do Rio de Janeiro. Ela é também o personagem central de *Estamira*, documentário de Marcos Prado, a senhoria de um impressionante discurso. Elas não são idênticas. A segunda é resultado da passagem da primeira pelo olhar do documentário. Mas para quê separar as duas? Respeitar a obra, como respeitar alguém, é resistir a reduzi-la a aspectos parciais. Que seja essa nossa primeira decisão.

O mesmo vale para o documentário. Há muita coisa nele que, como em tudo que brilha, é plural e multiuso. Desenha o lixão, agora “aterro sanitário de Gramacho” (que inclusive deve mudar de endereço, pois está abarrotado com o equivalente e treze estádios do maracanã cheios até a borda); acompanha os efeitos do tratamento ministrado pela rede de serviços em saúde mental para um usuário pobre do subúrbio do rio; conta um pouco da história da psiquiatria do Rio nestes últimos cinquenta anos; retrata um pouco da função, ali, da religião; dos laços de família hoje, e muito mais. Sobretudo, ensina sobre a loucura, ou melhor, sobre suas íntimas relações com a razão. Afinal, é tudo menos fora do juízo uma fala como essa, de Estamira descrevendo o lixão.

Isso aqui é um depósito dos restos. Às vezes é só resto, e às vezes vem também descuido. Resto e descuido. Quem revelou o homem como único condicional ensinou ele a conservar as coisas, e conservar as coisas é proteger, lavar, limpar e usar mais o quanto pode. Você tem sua camisa, você está vestido, você está suado, você não vai tirar a camisa e jogar fora, você não pode fazer isso. Quem revelou o homem como único condicional não ensinou trair, não ensinou humilhar, não ensinou tirar, ensinou ajudar. Miséria não, mas as regras sim. Economizar as coisas é maravilhoso, porque quem economiza tem. Então as pessoas têm que prestar atenção no que eles usam, no que eles têm, porque ficar sem é muito ruim. O Trocadilo fez numa tal maneira que, quanto menos as pessoas têm, mais eles menosprezam, mais eles jogam fora. (p. 115)

O Outro

O personagem será nosso objeto, sem que possamos (ainda bem) em nada legislar sobre a pessoa. Um personagem se presta mal a material empírico para conclusões universais. Ele será, antes, aula da instável proeza que nos interessa: passar para o universal e imediatamente inteligível, algo do estranho e indizível de um singular como tal. Ensina, então, sobre isto a que uma análise almeja.

Deixemos, assim, o par foucaultiano “razão-desrazão”, para nos focalizarmos neste “singular-universal”. Será preciso incluir em nossa leitura um olhar terceiro, o de Marcos Prado, pois é no encontro entre os dois, Marcos e Estamira, que alguma coisa que toma forma, nos toca e garante o efeito certo do filme. Seria Marcos um mediador? Lacan prefere o termo *secretário*. Para começar a entender a diferença entre os dois é bom lembrar que, tal como numa análise, são dois corpos, um que fala e outro que registra, mas apenas um só personagem, mesmo se extremamente multifacetado.

Habitualmente o analista tem a vantagem de contar com a função do Outro para fazer essa mágica passagem do privado ao público, que é também a do documentário. Para começar, com seu *Outro* Lacan reúne os planos “macro” e “micro” da alteridade. O Outro tanto é para todos a cultura quanto para cada um algo de sua mãe, seu cuidador primeiro. Como “tesouro do significante” ele tem tudo o que se pode saber sobre qualquer coisa. Neste sentido, a função do Outro se confunde com o que Lacan definirá mais tarde como *sujeito suposto saber*, a quem se endereça o analisante para encontrar a chave de seu mistério, de como dizer o sem nome.

Com Estamira, porém, o sujeito suposto saber não funciona. Para ela, de modo algum o saber que vale provém da tradição ou do patrimônio ancestral de sabedoria da humanidade. Ele deverá ser inventado, pois a via régia para o coletivo está fora de questão, foracluída nos termos de Lacan. Veremos como. Por hora, constate-se o seguinte: ai de quem chega para Estamira com versões já prontas da via régia mais comum, Deus, o Nome do Pai e o sentido religioso da vida (cf. “Os nomes do pai”). É o que faz seu filho, provocando o seguinte discurso:

Trocadilo safado, canalha, assaltante de poder, manjado, desmascarado!
Me trata como eu trato que eu te trato; me trata com o teu trato que eu te devolvo o teu trato. E faço questão de devolver em triplo! Onde já se viu uma coisa dessa? A pessoa não pode andar nem na rua onde mora, nem trabalhar dentro de casa e nem em trabalho nenhum, em lugar nenhum (...)

Que Deus é esse? Que Jesus é esse que só fala em guerra e não sei o quê?! Não é ele que é o próprio Trocadilo? Só pra otário, pra esperto ao contrário, bobado, bestalhado. Quem já teve medo de dizer a verdade largou de

morrer? Largou? Quem anda com Deus dia e noite, noite e dia na boca ainda mais com os deboches, largou de morrer? Quem fez o que ele mandou (...) largou de morrer? Largou de passar fome? Largou de miséria? Ah, não dá, não adianta! Ninguém, nada vai mudar meu ser. Eu sou Estamira aqui, ali, lá, no inferno, nos infernos, no céu, no caralho, em tudo quanto é lugar. (p. 119)

Infinito

O Outro de Estamira está bem mais próximo do *Google* que, como descreve Jacques Alain Miller, está sempre a um passo de se mostrar como é: sem sentido, burro, puro emaranhado de saberes ser articulação ou hierarquia, sem verdade.

Ai, também, de quem quer entrar em contato com Estamira a partir da dissimulação do politicamente correto (como faz sua filha), no estilo “respeito sua diferença”. É que Estamira, em sua posição de exterioridade a nosso mundo de crenças compartilhadas, convive com algo bem mais definido e intenso que as falas dos políticos. Ela está às voltas com a certeza de uma verdade, pois tem um pé nesse lugar de onde vêm todas as verdades, algum lugar além de nossas prescrições e saberes e que é sempre um espaço aberto ao infinito.

A doutora me perguntou se eu ainda tava escutando as voz que eu escutava. Eu escuto os astros, é, as coisas, os pressentimentos das coisas. (p. 120) Eu falei pra Dra. Alice: minha cabeça tem hora que parece que dá choque, Não dói não , dá agonia, dá choque. Bate assim, igualzinho onda de mar. P. 120) A doutora passou remédio pra raiva. Eu fiquei muito decepcionada, muito triste, muito profundamente com raiva dela falar uma coisa daquela. E ela ainda disse sabe o quê? Que Deus que livrasse ela. Que isso é magia, telepatia, e o caralho. Porra, porra, porra! Pra quê pô? Ela me ofendeu demais da quantia. Ela é copiadora. Eu sou amiga dela, gosto dela eu quero bem a ela, quero bem a todos, mas ela é copiadora. Eles estão fazendo sabe o quê? Dopando quem quer que seja com um só remédio. Não pode. O remédio é o seguinte: se fez bem, pára, dá um tempo. Se fez mal vai lá reclama como eu fiz 3 vezes na quarta vez que eu fui atendida. Entendeu? Mal eu não quero mal deles não. Eles tão copiando. (...) Vocês não aprendem na escola, vocês copiam, vocês aprendem é com as ocorrências. Eu tenho neto de 2 anos que já sabe disso. Tem de dois anos que ainda não foi na escola copiar hipocrisias e mentiras charlatais. (122/23)

Vertigem

Portanto, para Estamira, não servirão nem religião, nem meio-termos, nem ciência, no que estes discursos podem ser um bálsamo para as agruras do que temos de loucura em nós. Sim, a loucura em nós e não no doente, pois, como dirá Lacan: “longe de a loucura ser um fato contingente das fragilidades do organismo, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência” (E-177).

Seguimos até aqui Estamira, mas assola-nos uma vertigem: se diante do real infinito, tudo o que sabemos é cópia, em que nos escorar? Afinal, até mesmo o que somos não foi, de certa forma, implantado em nossos corações e mentes? Recuamos assustados salvando-nos do abismo ao colocar entre nós e Estamira a pergunta: Por quê? Porque ela ficou assim? O que a restauraria como nossa paciente. Talvez os acontecimentos expliquem sua loucura. Acontece que Marcos Prado soube construir um estranho personagem. Os dados poderiam

nos tocar: mãe esquizofrênica, marido violento que a obriga a internar a mãe e que após anos de agressões a abandona com dois filhos, estuprada, pobre, tudo isso levaria a um “ela sofreu demais” para explicar a loucura da mãe. Mas no filme, as lembranças às vezes dizem muito, às vezes nada.

Nasci no 7 do 4 do 41, a carne e o sangue, e o formato. E ai então sabe o que aconteceu? Eles levaram meu pai no 43. Aí nunca mais meu pai voltou. O meu pai chamava eu de tanto nomezinho. Chamava eu de uns nome engraçado. Merdinha, é, neném, filhinha do pai. Depois eles disseram que meu pai morreu. Aí então, minha mãe ficou pra cima e pra baixo comigo. Que judiação né? Coitada da minha mãe, mais perturbada que eu. Bem, eu sou perturbada mas lúcida e sei distinguir a perturbação, entendeu como é? E a coitada da minha mãe não conseguia. Mas também pudera eu sou Estamira, né. Se eu não der conta de distinguir a perturbação eu não sou Estamira. Eu não era... Eu não seria... (p. 116)

Freud não explica

Apesar de toda nossa vontade de achar a chave, não há causa. É preciso afirmar, como decisão metodológica e não confissão de impotência, “Freud não explica”. É possível, então, seguir Lacan e tomar ao “pé da letra” o que o alienado nos conta (III-235). Não se trata de acreditar nele, nem de compreendê-lo (como doente, ou santo). Para poder levar o doente ao pé da letra, Lacan se serviu da noção de estrutura. Afinal, se fosse apenas para criar mais um diagnóstico por meio de uma nova categorização segregativa, não teria sido preciso tanto trabalho (o mesmo é válido para nosso uso atual de *psicose ordinária*: ou ela é uma ferramenta para interrogar o real de hoje ou não vale a pena). Buscou com a estrutura psicótica, um lugar para que pudéssemos preservar a estranheza com que vive o louco. Nem santo, nem doente, *psicótico*. Dessa forma, em vez do “porque”, Lacan, como Jaspers, dá lugar ao “como”.

Com olhos de “como”, fica evidente que a questão do psicótico não é com isso ou aquilo, mas com tudo isso que constitui nosso pequeno mundo. Nossas crenças e desejos, nossas histórias e sonhos. É com o Outro como a própria cultura que o louco lida em “uma relação mais radical, mais global com o fenômeno do significante” (III-239). Seu parceiro é por isso sempre “mega”, deixando-lhe apenas os pressentimentos das coisas, exilado, apesar de dentro.

A criação toda é abstrata. O espaço inteiro é abstrato. A água é abstrato. O fogo é abstrato. Tudo é abstrato. Estamira também é abstrato. Tudo que é imaginário tem, existe, é. Sabia que tudo que é imaginário existe e é e tem? Pois é. Os morros as serras as montanhas... paisagem e Estamira... Estamar, Estaserra... Estamira tá em tudo quanto é canto, tudo quanto é lado. (115)

O poder real

Marcos Prado afirma que só considerou ter um filme em mãos quando pôde dar ao discurso trovejante de Estamira um pouco de história humana. Felizmente, apesar disso reverente, aceitou subordinar a novela familiar ao mito delirante. Põe todas as cenas em que são fornecidas balizas históricas em preto e branco. As histórias são importantes, claro, mas é imperativo que não ofusquem a história de uma loucura. É essa que conta. Nesse sentido, é preciso destacar como Carolina, a filha de Estamira, conta como o lado trovão de sua mãe desencadeou-se:

Ela começou assim: “Dona maria você sabe que fizeram um trabalho de macumba para mim”, aí pisou na macumba, Deus me proteja... Aí um mês depois disse “Eu tenho impressão que tem gente do FBI atrás de mim, quando eu to no ônibus eu tenho impressão que tão me filmando, eu não sei pra que, tipo com câmara escondida”. Um dia sentou lá no quintal da minha sogra, aí olhou pros pés de coqueiro, olhou, olhou, olhou olhou, aí virou para minha sogra e falou assim “isso aqui é que é o poder, isso que é tudo que é real, isso é que é real”. Naquele dia acho que ela desistiu mesmo de Deus e agora é só “eu” e “eu”, o “poder real” e acabou.

A missão

Por que exatamente ali e exatamente dessa forma? Não saberemos, mas é possível constatar que, juntamente com este encontro-ruptura com o poder real, puro corte e silêncio, vem, quase ao mesmo tempo, um modo de costura e conexão: a missão de “revelar”. Muito gira em torno desta missão que lhe dá função na Terra.

A minha missão, além d’eu ser Estamira, é revelar a verdade, somente a verdade. Seja capturar a mentira e tacar na cara, ou então ensinar e mostrar o que eles não sabem, os inocentes... Não tem mais inocente, não tem. Tem esperto ao contrário, esperto ao contrário que tem, mas inocente não tem não. (116)

Transbordo

O diagnóstico, então, não é nenhum desafio: esquizofrenia paranóide. CID F20.0. O delírio, inclusive, é bastante comum em seus temas principais. O importante, se seguimos Lacan, é o modo como conectam-se os nomes da cultura com o real daquilo que chamamos “gozo”. Nos termos de Estamira, ele é transbordo.

Tem o eterno, tem o infinito, tem o além e tem o além dos além. O além dos além, vocês ainda não viram. Cientista nenhum ainda viu o além dos além (...). Os além dos além é um transbordo. Você sabe o quê é um transbordo? Bem, é toda coisa que enche, transborda, então o poder superior real, a natureza superior contorna tudo para reservas. É lá nas beiradas. Entendeu como é? Nas beiradas ninguém pode ir, homem nenhum pode ir lá (...) Pra esse lugar que eu tou falando, o além dos além. Lá pras beiradas, muito longe. Sangüíneo nenhum pode ir. (p. 119)

É preciso, para ter uma idéia do quanto este transbordo é presente em nossas vidas, aproximar, como talvez tenha feito Marcos Prado, a intuição dos medos e mitos mais antigos. Ela nos contará então, assim como Estamira, histórias de um transbordar abissal do fim do mundo - lá onde acaba a Terra, onde para nossos antepassados navegadores não havia limite. Apenas um derramar do mar sem fim. Este transbordar é apenas vislumbre e possibilidade, um além que nos habita como assombro, pois Estamira tem razão: nenhum sangüíneo, finito, pode habitar o insuportável infinito.

O falo

Mas como ela foi parar lá?. Uma primeira resposta de Lacan é comparativa: É que Estamira partilha de um *Unglauben*, recusa da crença nos termos de Freud, recusa da conexão comum, do falo como provedor de acesso universal. Ele nada mais é que a crença partilhada de que existe uma medida comum para todas as coisas. Para uma pequena

ilustração da função fálica, e já que falamos de transbordo, entremos, como propõe Lacan no *Seminário 10*, em uma bacia.

A bacia nos remete a uma cena e um nome próprio: Arquimedes. Seu célebre *Eureka* sela o momento de uma operação decisiva. Quantos já não mergulharam em uma banheira e viram a água transbordar? Arquimedes, porém, fornece a fórmula do transbordo, compreende-o como um objeto concreto, objetiva-o com uma fórmula simples: cada corpo mergulhado na água produz um transbordamento equivalente à sua massa. O deslumbramento e o êxtase abandonam o transbordo, que se torna dosado, regulável. É o jogo do falo, feito de sim e não, abre e fecha, arremesso e busca e que Lacan denomina gozo fálico. Sob a dominância do falo a água nunca transborda, apenas transpõe a borda. Neste contexto, mesmo quando não se dispuser dos corretos instrumentos de medida poderemos sempre supor que a água pode ser submetida ao cálculo. Estamira não paga este preço. Traz com precisão o desmedido do gozo, delineando um mundo em que o represamento inexistisse, o que não se faz sem um custo impossível. Quase fora do mundo, terá como contrapartida a necessidade de reconstruí-lo em permanência pelo delírio, pagando com desrazão o preço de uma solução para o problema do impossível infinito, que denominará “poder real”. Ela terá que vestir a paradoxal missão de “revelar” em sua fúria o indizível segredo deste poder na língua dos homens. Pois sob Arquimedes e seu ponto de mira, está esta Outra mira.

Os morros, as serras, as montanhas... paisagem e Estamira..., estamar,
estaserra... Estamira ta em tudo quanto é canto, tudo quanto é lado. Até
meu sentimento mesmo vê, todo mundo vê Estamira. Eu, Estamira, sou a
visão de cada um...

Leitura

Mas como fixar esse transbordamento e deslizamento incessante? Como obter um ponto de vista que permita estabilizar os nomes e fazer com que digam pouca coisa ao mesmo tempo, às vezes uma só. Lacan dá a pista: pensemos o trabalho de estabilização como o de fixação de uma leitura (III p. 236). Aqui a analogia com o escrito é preciosa. O mundo se estabiliza por se escrever, escrita continuamente reatualizada através do Outro, afinal, nada se escreve sem um endereçamento. Neste sentido, vale lembrar o primeiro encontro de nossos protagonistas. Estamira vê Marcos filmando tudo e nada no lixão, lhe chama e diz: “Senta aqui que vou contar minha história, para que você conte para o mundo todo”. Neste trabalho de tradução essencial, o delírio, segundo Lacan, é menos importante em suas significações. O essencial é que alguns de seus significantes de base sejam respeitados. Dar um destino a eles é dar um lugar para Estamira.

Devemos admitir que a psicose não esteja somente na dependência do que manifesta, no nível das significações, sua proliferação, seu labirinto, no qual o sujeito estaria perdido, e mesmo preso a uma fixação, mas que ela provém essencialmente de algo que se situa ao nível das relações do sujeito com o significante (...). O significante deve ser concebido como distinto da significação (...). Que haja significantes de base sem os quais a ordem das significações humanas não poderia estabelecer-se, nossa experiência nos faz sentir com muita frequência (III-227).

Lixão

Ao menos um deles é evidente em Estamira, o lixo. Ele ganhará para Estamira *status* de um marido, dr. Cisco Monturo:

A única sorte que eu tive foi de conhecer o sr. Jardim Gramacho, o lixão, o sr. Cisco Monturo que eu amo, eu adoro, como quero bem aos meus filhos e como eu quero bem aos meus amigos. Eu não vivo por dinheiro, eu faço o dinheiro. Eu que faço. É você quem faz. Eu não vivo pra isso e por isso. Felizmente graças a aqui, eu tenho aquela casinha lá, aquele barraco. Eu acho sagrado o meu barraco, abençoado, eu tenho raiva de quem falar que aqui é ruim. Sai daqui, eu tenho pra onde descansar, isso que é minha felicidade (p. 116).

Poema

Parafrazeando Lacan em *O sinthoma* (lição VIII), digamos que a conjunção Marcos Prado/Estamira, assim como uma análise, não produziu nenhum poeta, mas sim um poema. Nem um, nem outro saem curados da debilidade mental que nos obriga a permanentemente entrefechar a porta do infinito para sobreviver (mesmo se nesse encontro, provavelmente Estamira pôde afastar-se do perigoso abismo, e Marcos Prado dele ter um vislumbre concreto). Mas ambos podem se apoiar no que fizeram juntos para prosseguir renovados.

Schreber não é um poeta, não nos introduz em uma dimensão nova da experiência" (94). A criação é quando um escrito nos introduz num mundo diferente do nosso, nos dá a presença de um ser, de uma certa relação fundamental, como nossa (III-94).

Após o lançamento do filme, tendo já recebido vários prêmios, inclusive com a presença de Estamira no palco, Marcos pergunta a ela, ansioso por sua aprovação: "o que você achou do documentário?" Ela diz apenas "você cumpriu sua missão".

Marcus André Vieira
Rio, agosto de 2007

Bibliografia

- BARTHES, R. “Sur la lecture” *Le bruissement de la langue*, Paris, Seuil, 1984, 37-48.
- LACAN, J. “Secretários do alienado”, *O seminário Livro 3 (As psicoses)*, Rio de Janeiro, JZE, 1985.
- “Introdução aos nomes do pai”, *Nomes do pai*, Rio de Janeiro, JZE, 2005.
- “Função e campo da fala e da linguagem”, *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1995.
- “A função do escrito”, *O Seminário Livro 20 (Mais, ainda)*, capítulo III, Rio de Janeiro, JZE, 1985.
- O Seminário livro 23, O sinthoma*, Rio de Janeiro, JZE, 2007.
- “A torneira de Piaget”, *O seminário Livro 10 (A angústia)*, Rio de Janeiro, JZE, 2005.
- MILLER, J. A. “Sobre a clínica psicanalítica”, *Lacan elucidado*, Rio de Janeiro, JZE, 1997.
- “Estrutura e psicose” *Matemas I*, Rio de Janeiro, JZE, 1996.
- “Nota passo a passo (Derrida e o nó)”, *O Seminário livro 23, O sinthoma*, Rio de Janeiro, JZE, 2007.
- PRADO, M. *Jardim Gramacho*, Rio de Janeiro, Argumento, 2005.
- Estamira*; produtor; Marcos Prado, José Padilha; produtora: Zazen Produções Audiovisuais Ltda; 127’ minutos, Colorido e preto e branco, 2005.